

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL

Jane Cláudia Cardoso Carneiro

Jenérva de Oliveira Almeida
Marilene Borges Guimarães Feitosa
Sidnei Santos de Andrade

RESUMO

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável, ambas evoluem ao longo do desenvolvimento; são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. A seguir será exposta a relação da afetividade com a educação. Sua influência nessa interação de educar e amar. São tecidas considerações a respeito da utilização dessa prática educativa, tais como a reação de alunos e professores realizada em uma determinada observação em sala de aula. Na conclusão, aponta-se a necessidade do processo de formação do educador ser contínuo e processual.

Palavras-chave: Prática educativa, afetividade, ensino-aprendizagem, formação de professores, encantamento.

UMA PRÁTICA EDUCATIVA COM SIGNIFICADOS

Este artigo tem por objetivo compreender as relações entre professor-aluno/afetividade no processo ensino aprendizagem. Esta compreensão foi feita a partir da observação em sala de aula de uma escola da rede pública estadual, com aluno da 4ª série do Ensino Fundamental, sedimentada em pressupostos teóricos que possibilitem uma reflexão crítica da prática pedagógica recente.

Desde o século XIX, a escola foi tida como essencial, e a formação por ela oferecida passou a ter papel cada vez mais relevante para a sociedade. Problemas como indisciplina, reprovação, agressividade são comuns nas escolas. E educadores comprometidos procuram estabelecer em sala de aula uma perspectiva de melhoria do ser humano como agente transformador, baseada em uma educação diferenciada.

Diante das dificuldades escolares presentes na educação infantil, como os problemas de adaptação escolar, onde a criança quando entra na escola deixa a exclusividade familiar, para ingressar nesse novo ambiente, que passa a dirigi-la segundo condições pré-estabelecidas, percebe-se um importante problema: a importância da afetividade na construção do saber, onde o educador é mediador desse processo de construção de conhecimento. CHALITA, (2003).

Eles não só transformam a informação em conhecimento e consciência crítica, mas formam seres humanos. Eles fazem fluir o saber, o conhecimento, construindo sentido para a vida das pessoas, buscando um mundo cada vez melhor, alimentando a esperança nessa difícil profissão.

O professor é o grande agente do processo educacional. Por mais que se invista em equipamentos essenciais para a educação na escola a tal investimento não se compara à importância do professor. Por isso, ele que deve ter consciência de sua responsabilidade na educação e formação de seus alunos sendo capaz de manter um vínculo afetivo com eles em sala de aula.

O interesse em pesquisar esse tema surgiu da necessidade de entender o porquê de muitos alunos apresentarem comportamentos diferentes, com diferentes professores, participando ativamente da aula com alguns professores e com outros não. Investigar ainda o que faz com que os alunos se distanciem, ou se aproximem do professor, interferindo no seu processo de aprendizagem. O objetivo principal é compreender até que ponto a afetividade repercute na relação de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, bem como investigar a influência da relação professor-aluno na construção do saber e a permanência do afeto na educação.

O advento da modernidade no bojo do ideário iluminista provocou um novo olhar sobre a função e autonomia da racionalidade. Kant por exemplo, chama a atenção para o “homem emancipado” no sentido de poder proclamar em público a sua potencialidade de autonomia cidadã. A leitura da epistemologia da modernidade também preconiza a Educação como este “lôcus” de construção de emancipação. Por sua vez, este ideário não atingiu a vontade dos seus arquitetos, considerando que a razão emancipatória produziu uma hegemonia por parte da Burguesia que direcionou e conduziu os processos culturais da sociedade moldada no Capitalismo Industrial.

Na contra mão dessa postura, a Pós-Modernidade estabelece uma nova ótica quando da análise da racionalidade iluminista. Em outras palavras a razão é instrumental, porque engendra formas diferenciadas de espoliação nas relações contidas no ócio das classes sociais. Marx chama atenção desses antagonismos ao afirmar que as condições objetivas do ser humano é que determina a sua identidade. Contrário ao modernismo é que a Escola de Frankfurt, em especial Theodor Adorno justifica em suas obras, educação após Auschwitz, colocando em destaque a Educação com a instância maior de afetividade para se evitar barbáries.

Segundo FREIRE (2001), deve existir uma prática educativa responsável e compromissada, não existindo neutralidade na educação e sim uma responsável competência. Não deve existir um falso respeito ao aluno, mas reconhecer na arte de educar e respeitar o ponto de vista dele. A prática docente não pode se reduzir apenas à transferência de conhecimentos, mas a realidade dos educandos.

No decorrer da pesquisa realizada percebeu-se que a professora seguia o roteiro do livro, obrigando seus alunos a reproduzir o que foi posto no quadro negro, gerando desânimo e insatisfação por parte dos seus alunos. As aulas eram monótonas ficando visível que o professor prioriza a matemática e o português, desconhecendo a importância das outras disciplinas na vida dos seus alunos. Muitos autores

vêm defendendo que, o afeto é indispensável na arte de ensinar, entendendo que as relações de ensino e aprendizagem são movidas de motivação e o desejo de conhecer e aprender. Portanto é possível identificar e prever condições favoráveis que facilitem a aprendizagem.

ALMEIDA (1999), fundamentada em Wallon, aborda que o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança, por isso é preciso repensar a eficácia das relações afetivas em sala de aula e entendê-la como uma companheira fiel da inteligência. Essa atitude da professora de priorizar o ensino da matemática e do português, afirmando que é o suficiente para se ensinar, já que as crianças não estão preparadas para aprender várias disciplinas ao mesmo tempo, contribui para inúmeros prejuízos na formação das crianças, que não preparados para entender o mundo em sua totalidade, e sua importância dentro deste espaço.

O afeto tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. O educador inclui sentimentos, interesses, desejos e emoções em geral, cabem ao professor promovê-los para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Ninguém ensina o que não aprendeu. Como o professor pode ser capaz de contextualizar a aula a realidade do aluno se na sua formação deficitária não vivenciou esta realidade? De acordo com o contexto histórico da educação, o professor sempre foi visto como o mestre detentor de todo o saber, exercendo sobre o aluno um distanciamento que inibe a troca de informações e conhecimentos por acreditar que nada tem a aprender com seus alunos.

O educador suíço Pestalozzi, dizia que o afeto tinha poder de despertar o processo de aprendizagem autônoma na criança, ou seja, à medida que o sentimento entra na educação da criança, ela se desenvolve individualmente. Assim não dá para educar pensando só na cabeça do adulto, o coração também é importante. O professor deve acolher os sentimentos dos alunos e criar um ambiente de aceitação para obter sucesso na aprendizagem. Essa situação mudou o modelo de relação hierárquica fria e distante que dominou a pedagogia até fins do século XIX. Portanto, o professor deve ser um profissional responsável, deve criar um clima afetivo para promover a aprendizagem. Demonstrar afetividade pelos alunos não pode ser motivo para deixar de cobrar que eles desempenhem seu papel de aprender.

Segundo FREIRE (2001), o professor não é a única e nem mais importante fonte de conhecimento, o indivíduo é bombardeado de informações a todo o momento e através de várias formas. Cabe ao docente mais do que transmitir o saber deve-se articular experiências em que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento, assumindo um papel ativo no processo ensino-aprendizagem que por sua vez deve abordar o indivíduo em sua totalidade. Crianças que são bem sucedidas na escola gostam mais de si mesmas, são confiantes e abertas para interagir com os demais. Se o aluno aprende com a cabeça e coração, precisamos fazer com que sua cabeça aprenda a sentir e ater compaixão e que seu coração aprenda a pensar e conhecer.

O professor teria que ser preparado para dar respostas diferentes, dependendo da realidade da criança e de suas necessidades. Ele precisa saber transformar os conteúdos ensinados em sala de aula em conhecimentos significativos para seus alunos, quaisquer que sejam suas origens e condições

socioeconômicas. Já que atualmente a sala de aula é um ambiente heterogêneo e estamos na era da inclusão, o professor tem que saber fazer adaptações e diversificar os recursos metodológicos para serem utilizados com diferentes crianças em diferentes momentos. O professor tem que saber reconhece-se mediador do conhecimento em constante formação, que ao ensinar a seus alunos ele também está aprendendo a todo o momento com eles, existindo uma relação de reciprocidade.

O professor tem que ter amor pelo que faz, para enfrentar as dificuldades que encontrará ao longo de sua trajetória, e lutar para trilhar uma caminhada contínua a favor da aprendizagem dos alunos, buscando uma educação de qualidade para todos. O curso de formação de professores deveria enfatizar melhor a relação teoria/ prática e afetividade, aproximando os conteúdos à realidade da criança. O que se observa é que o professor das séries iniciais quando procura dar continuidade a sua formação se depara com conteúdos e disciplinas que enfatizam mais a teoria da educação, havendo um distanciamento de sua prática relacionada ao envolvimento com as crianças. Isso colabora para a má formação do professor e conseqüentemente, má qualidade de ensino.

Educar é uma tarefa complexa e que deve ser repensada. A sociedade em geral tem uma visão fragmentada sobre a educação, todos os conhecimentos adquiridos dentro e fora da escola devem ser aproveitados pelos professores, para que haja um melhor desenvolvimento do indivíduo na sua formação. Nem sempre um bom professor é aquele que aprova a maior quantidade de aluno, e nem a melhor escola é aquela que mais aprova ou reprova. Para melhorar são necessários vários fatores que tem que ser trabalhados juntos, como por exemplo, um bom projeto político pedagógico que deixe claro que tipo de cidadão pretende-se formar, criado intencionalmente por todos que fazem parte da escola. O professor tem que participar ativamente dos processos educacionais, com o intuito de fazer mudanças necessárias à educação.

Na escola observada o professor não tem conhecimento do projeto político pedagógico, sendo a diretora única conhecedora e guardiã, afirmando sua existência e que seria disponibilizado o momento que quiséssemos, o que de fato não ocorreu. Com essa atitude ficou claro que o professor desconhece o projeto e cada sala de aula é comandada da maneira que o professor achar necessário, sem haver uma visão geral e sim individual. A maneira como os professores enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem, quando não julgam e procuram se aproximar do aluno acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer. Portanto, há uma necessidade de uma melhor formação de professores e do corpo docente como também uma integração entre todos que formam a escola, trabalhando juntos para com a intenção de uma escolar de melhor qualidade e aprendizado bem sucedido.

O DIAGNÓSTICO DO DESENCANTO

A observação foi realizada em uma sala de aula de 4ª série do ensino fundamental, formada por 38 alunos com idade média entre 10 e 11 anos, localizada no bairro São Conrado em Aracaju e pertence à rede estadual de ensino, funcionando os três períodos e possuindo mais ou menos 350 alunos cada período, com turmas desde a educação infantil até a 4ª série do ensino fundamental.

A sala de aula tem pouca luminosidade e ventilação, o que dificulta a aprendizagem dos alunos, ocorrendo por várias vezes reclamações por parte deles, tem apenas uma porta de acesso. Anteriormente, na sala de aula havia ventiladores e duas portas de acesso, mas após uma reforma foram tirados os ventiladores para colocar forro de PVC, e não quiseram recolocá-los, que ganhou destino desconhecido e fechou-se a porta traseira da sala de aula para evitar que os alunos abandonassem a sala sem que fossem percebidos pela professora.

Parece inacreditável tal situação quando observamos os avanços didáticos ocorridos como suporte para uma prática pedagógica que provoque situações de aprendizagem. O simples fato de uma reforma que “a priori” seria motivo de conforto na sala de aula demonstra, ao contrário, o controle da disciplina para evitar a saída dos alunos no momento da aula. Neste sentido, o encantamento sede lugar ao sacrifício e a afetividade desmancha-se no ar sem espaço para atingir uma significativa relação ensino-aprendizagem.

A professora é do tipo tradicional, com forma de ensinar centrada no professor, apesar de ter formação acadêmica é mera transmissora dos conhecimentos apresentados nos livros, e não utiliza recursos para melhor exploração das aulas. Ela entende que seus 22 anos de sala de aula são suficientes para atestar sua capacidade de ensinar, sem que haja uma mudança ou reflexão sobre sua prática docente; chama a atenção com frequência dos alunos para ficarem em silêncio e quietos deixando claro que caso não obedecerem ficam sem ir a educação física, que serve somente para libertar os alunos da monotonia em que ficam em sala de aula. A aula de educação física é somente para o aluno ter a liberdade de correr e brincar, sem que haja uma instrução do professor de educação física para uma prática pedagógica que possibilite a interdisciplinaridade.

De acordo com IMBERNÓN (2002), a formação inadequada do professor contribui para a estagnação do mesmo visando unicamente o salário, perdendo a auto-estima, a motivação e a preocupação com a formação permanente. A professora enfatiza os erros dos alunos, colaborando para podar a vontade de participação e cobra a maior parte do tempo um melhor desempenho, sem dirigir um simples afeto quando há acertos. A questão, no entanto, deveria inquietar a educadora e promover a estimulação na criança no momento do acerto. Se o professor estimula a criança a melhorar, a expressar o que sente, logo vê mudanças significativas no seu comportamento. Foi o que não ocorreu com o professor na sala observada. A prática da professora pode acarretar transtornos para os alunos bloqueando sua vontade de participação em sala de aula e fora dela, formando crianças inseguras, sem capacidade de participação, aceitando tudo que é imposto.

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por tecnologias, e sim por seres humanos. Eles devem possuir sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos. Sua fala deve expressar e cativar emoção, estimulando a concentração dos seus alunos, a pensar antes de reagir, a ser líder. Este hábito do professor contribuirá para desenvolver a auto-estima, tranquilidade, capacidade de socialização, segurança. CURY (2003), defende que a educação sem emoção gera a insensibilidade dos jovens, não pensam nas conseqüências dos seus comportamentos, são alienados, não têm sonhos, metas, vivem conformados com a vida.

A rotina da sala de aula inicia-se com a professora colocando a resposta da atividade anterior que foi levado como tarefa para casa, sem oportunizar o aprendizado ou interesse dos seus alunos, reproduzindo fielmente as respostas das perguntas dos livros, o qual não é o mesmo adotado pela escola e sim aquele que a professora usa há vários anos forçando os alunos a fazerem cópias do assunto a ser passado naquele dia. Quando não é feita a “correção” dos exercícios, é feita uma leitura e copiado pela professora no quadro negro e enquanto os alunos transcrevem para o caderno o assunto, a professora faz chamada e deixa claro que cada aluno é um número na sala de aula e não um ser único reclama o tempo todo da quantidade de alunos na sala de aula .

A professora procura gastar o máximo de tempo possível para que chegue o recreio, e quando chega esse momento de prazer e descontração alguns alunos ficam frustrados ao saberem que terá que ficar defronte a sala dos professores bem perto dos seus olhos, de castigo por não terem se comportado de acordo com suas expectativas. A professora reconhece ser necessária preencher o tempo das crianças com atividades no caderno, para com isso ter domínio de turma, algo que foi alcançado em raros momentos. Segundo FREIRE (2001), o docente não pode desfavorecer seu aluno em nenhuma circunstancia e nem passar por despercebido por eles, e a visão que os alunos devem ter do professor os ajudará no cumprimento da sua obrigação, aumentando os cuidados que ele deve ter com seus alunos.

Assim, quanto mais houver solidariedade entre professor e aluno existirá mais possibilidades de aprendizagem. E impreencível que o afeto desempenha um papel fundamental no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem motivação e conseqüentemente não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência.

Pode-se perceber que a metodologia utilizada faz com que os alunos fiquem dispersos e não sintam vontade de aprender, fazem a tarefa por obrigação e medo do castigo que lhe é aplicado. Quem sabe faz e quem não sabe copia de quem já fez, para esperar a hora de ir para casa. Após a recreação, a atividade é mínima para esperar a hora de voltar a casa. Isso serve tanto para os alunos como para a professora.

GADOTTI (2002, p. 03), apresenta como algo impreencível na educação. Para ele “aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente”. Percebe-se que o sentido do que realizamos na pratica foi se perdendo, luta-se por salários e condições melhores de trabalho sem termos em mente a finalidade de nossa profissão. O educador deve ter um papel mais decisiva na construção da civilização educando para a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotidiano da pratica pedagógica de muitos professores observa-se à utilização de um referencial da pedagogia tradicional em que a relação professor e aluno são centralizados na “autoridade” do professor, como uma reprodução de conhecimentos determinados pela sociedade. Olhando para a prática docente da professora e como os alunos absorvem o que lhe é imposto, a primeira questão

formulada foi como podemos mudar a realidade desta prática em sala de aula? Refletindo sobre isso se chegou à conclusão que antes de qualquer mudança tem que haver uma interação entre escola, família, alunos e professor.

Professor esse que acredite que sempre está em formação e que busque dar continuidade a esta formação e que seja capaz de fazer uma ponte entre o concreto e abstrato e reconheça a importância da reflexão em todos os contextos, que questione o porquê do aluno não aprender, possibilitando uma relação afetiva mútua pedagógica. A dificuldade é dele de aprender? Ou não estou sabendo ensinar? O que está faltando para se ter uma boa formação? Esses questionamentos servem para fazer uma reflexão sobre a prática docente e a partir dela construir uma outra realidade para a educação.

As instituições de Ensino Superior responsáveis pela formação de docentes para a educação básica necessitam urgentemente implantar uma cultura que desenvolva no futuro educador a permanente motivação e auto-estima. Não se justifica ação pedagógica que perderam seu encantamento por parte do docente venha atingir e refletir no aprendizado do aluno. Diante das dificuldades da prática educativa, do desencanto dos alunos, muitos professores acabam querendo desistir, devido à pressão emocional, a sobre carga de trabalho e até mesmo à auto suficiência de acreditar que já aprendeu tudo e se dão por satisfeitos.

Enquanto não dermos atenção ao fator afetivo na relação educador, corremos o risco de estarmos só trabalhando com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o trabalho da constituição do próprio sujeito que envolve valores e o próprio caráter, necessário para o seu desenvolvimento integral como homem. O educador precisa perguntar-se: por que aprender, para quê. O processo de aprendizagem é contínuo e não neutro. O importante é aprender a pensar, pensar a realidade e não pensar pensamentos existentes. Mas sua função continua, é necessário pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Emoção na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Papirus, 1999.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor: A construção das Histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Gente, 2003.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Cortez, 2002.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2002